

Rosa Esteves vem há algum tempo explorando os arquétipos do feminino na arte, vivendo essa busca com um sentimento de progressiva intimidade. Partindo de formas arredondadas encontradas na natureza – espirais, conchas, seres marinhos que ela gravou em cerâmica, em massa de celulose, que imprimiu em papel e outros suportes –, ela chegou ao próprio corpo. As brechas, dobras, reentrâncias e saliências naturais são tratadas como volumes e sulcos de uma matriz originária. Rosa colocou tiras de gesso sobre o corpo, e as fatias resultantes foram depois para um varal, como roupas a secar. Algumas vezes, esse corpo fatiado foi costurado, mal alinhavado de forma a manter a independência das partes em relevo, sinalizando sua inquietante natureza. Outras vezes os pedaços formaram cruces que sugerem o sacrifício da prisão humana. Nesta exposição, os relevos foram fotografados e sua imagem impressa em tecidos leves dá a eles a aparência de peles flutuantes. O corpo assim retorna do volume ao plano – não é mais casca, invólucro carnal. Desfraldado ao vento é meio sombra, espectro de uma possível liberdade.

Vera d'Horta
Agosto de 2000